
Resenhas

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Brasil, Argentina e Estados Unidos : conflito e integração na América do Sul (Da Tríplice Aliança ao Mercosul, 1870-2003)**. Rio de Janeiro: Revan, 2003, 680 p. ISBN 85-7106-272-2

Moniz Bandeira, mais uma vez, surpreende. Sua nova obra, fruto de trabalho intelectual iniciado há 27 anos, consolida e desdobra suas reflexões acerca da inserção internacional do Brasil, já presentes, em grande parte, em outros trabalhos de igual fôlego como **O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata** (1980); **Estado nacional e política internacional na América Latina: o continente através das relações Argentina-Brasil, 1930-1992** (1995); e **Relações Brasil-EUA no contexto da globalização: rivalidade emergente** (1999).

A referência aos seus trabalhos anteriores não exclui a originalidade do novo texto, que consubstancia um conhecimento resultante de três décadas de pesquisa. Ademais, Moniz Bandeira analisa a inserção internacional do Brasil no período mais recente da história das relações internacionais – da mudança da conjuntura mundial em 1989-1991 aos dias atuais – e comenta, sucintamente, os marcos teóricos que orientam sua reflexão, elemento praticamente ausente nos trabalhos anteriores.

No *aggiornamento* de seus estudos, Moniz Bandeira formulou uma linha de hipóteses configurada em três pontos: a) nas duas últimas décadas do século XIX, a Argentina consolidou seu Estado Nacional e pôde disputar a hegemonia da América do Sul, enquanto o Brasil, dependente das exportações de café, passou a girar em torno dos Estados Unidos ; b) o Brasil, no entanto, contou com melhores condições sociais e políticas para desenvolver o setor de bens de capital, expandir sua economia e, na década de 1970, restaurar sua posição de potência regional na América do Sul; c) a tendência para a integração do Brasil com a Argentina, latente mesmo nos períodos de maior rivalidade, prevaleceu e compeliu-os a formar o Mercosul, apontando para a construção de uma instituição multinacional, como a União Européia.

A leitura a respeito do apogeu argentino – “*aquel apogeo*” como diria Juan Archibaldo Lanús – das décadas iniciais do século XX e da insistência brasileira na manutenção do modelo primário-exportador até a década de 1930 realizou-se com base em vasta literatura secundária e no uso sistemático de fontes primárias (a maioria delas já utilizada em trabalhos anteriores do autor). A metodologia possibilita uma grande sintonia com as publicações mais recentes da área, que têm em Moniz Bandeira uma referência obrigatória, em processo contínuo

de influências recíprocas, a despeito de algumas sentidas ausências em sua bibliografia.

A análise da lenta e gradual construção da moderna estrutura econômica brasileira, que se desenvolveu de forma paralela ao esgotamento do modelo agroexportador argentino e dos impasses sofridos pelo país vizinho desde os anos 1930, mantém o rigor da pesquisa e apresenta a clara continuidade dos efeitos da presença dos interesses dos Estados Unidos na América Latina, assunto já desenvolvido nos capítulos iniciais da obra, referentes às décadas finais do século XIX e às iniciais do século XX. Mas é a partir do capítulo XIII, em que Moniz Bandeira aborda os esforços desenvolvidos por Brasil e Argentina no sentido de uma maior cooperação bilateral e regional, que se revelam as estratégias desagregadoras desenvolvidas pela diplomacia norte-americana. O esvaziamento da Operação Pan-Americana (OPA), o lançamento da Aliança para o Progresso, o apoio dado às soluções ditatoriais dos anos 1960 e 1970 e a insistência em temas como a cooperação tecnológica, o desarmamento e a não-proliferação de armas nucleares revelam a defesa dos interesses empresariais norte-americanos e a atitude deliberada de conter os projetos de desenvolvimento econômico autônomo. É nesse sentido que Moniz Bandeira sustenta sua tese da “rivalidade emergente” nas relações entre Brasil e Estados Unidos, evidenciada durante o governo de Ernesto Geisel e que se estende, com surpreendente atualidade, aos dias atuais.

Sua terceira hipótese, a da integração Brasil-Argentina, atualizada – no sentido aristotélico da palavra – por meio da criação do Mercosul, poderia parecer superdimensionada ao se confrontar a atual situação do bloco regional com as idéias do autor acerca da futura construção de um Estado multinacional, semelhante à União Européia, mediante a integração de todos os Estados da América do Sul. Porém, Moniz Bandeira desenvolve, de forma implícita, uma argumentação pautada – como diria Amado Luiz Cervo – no “acumulado histórico” da política externa brasileira e nos anseios mais amplos dos países latino-americanos no sentido da busca da integração como instrumento para um desenvolvimento regional “autônomo”, menos dependente da política norte-americana para a região. Tal abordagem valoriza as iniciativas latino-americanas para o desenvolvimento e seu contraponto: a presença norte-americana na região, tanto em sua dimensão diplomática ostensiva quanto nas ações clandestinas sob responsabilidade da CIA e de outras agências. Moniz Bandeira é um dos poucos autores dispostos a enfrentar o tema.

Nos seis últimos capítulos do livro, o autor brinda seus leitores com a análise dos “eixos” da inserção internacional do Brasil no contexto das transformações históricas inauguradas com o fim da guerra fria. Os efeitos do *Washington Consensus*, os desdobramentos do Tratado de Assunção, o projeto da Alcsa e outros temas de fundamental importância nos dias de hoje são abordados no imenso quadro das transformações operadas na política internacional. Cabe

destacar que, em nenhum momento, o autor descuida dos limites e das dificuldades encontradas pelo Brasil na implementação de suas políticas. Daí a ênfase em acontecimentos como o pedido da Argentina para entrar na Otan, o aprofundamento dos problemas da Colômbia, a tentativa de golpe no Paraguai, a ascensão de Hugo Chávez na Venezuela e a resistência do Brasil à Alca. Em seu último capítulo, Moniz Bandeira trata dos efeitos dos atentados terroristas contra o World Trade Center e o Pentágono, do agravamento da situação econômica e política mundial, do colapso da Argentina e da tentativa de golpe na Venezuela, em abril de 2002.

Suas conclusões a respeito desses temas, embora pautadas não mais em documentação diplomática e política primária, mas fundamentalmente em análises publicadas em livros, periódicos e por meio da Internet, deixam transparecer não apenas a continuidade da análise, mas a metodologia empregada no conjunto da obra. Para Moniz Bandeira, o método histórico sempre se lhe afigurou o melhor meio para o conhecimento dos fenômenos políticos, caracterizados por um entrecruzamento infinito de causas e por fenômenos resultantes de transformações quantitativas e qualitativas de tendências que se desenvolvem ao longo do tempo. É o método hegeliano que permite ao autor sustentar que, da Tríplice Aliança ao Mercosul, as contradições intrínsecas do processo histórico das relações internacionais na Bacia do Prata passam por supressões (*aufheben*) e conservações (*aufheben/aufbewahren*), enquanto *Aufhebung* (negação/conservação) dos conflitos. Afinal, não estamos constantemente nos referindo a permanências e mudanças ao tratarmos de temas de política externa ou de política internacional?

Uma última observação sobre a importância do trabalho de Moniz Bandeira pode ser deixada a cargo do embaixador Samuel Pinheiro Guimarães e de suas considerações do prefácio do livro, intitulado “Reflexões sul-americanas”. Para Pinheiro Guimarães, o atual momento é decisivo para a América Latina e mais especialmente para o Brasil, mas o dilema é aquele definido historicamente: enfrentar o desafio de realizar o potencial da sociedade brasileira, por meio de um projeto nacional consciente; ou se incorporar de forma subordinada ao sistema econômico e político americano, confiando nas forças do mercado para enfrentar o desafio de realizar o potencial da sociedade brasileira e sul-americana. Nesse sentido, a obra de Moniz Bandeira é de fundamental importância para os que necessitam conhecer melhor o passado e o presente para construir um futuro melhor, assim como para aqueles que têm a responsabilidade de decidir qual dos dois caminhos tomar.

Carlos Eduardo Vidigal